

# **A técnica do violão percussivo na aprendizagem inicial do violão: uma experiência pedagógica em um projeto de extensão da UFPB**

## **Comunicação**

*Danyel Costa Mello*  
*Universidade Federal da Paraíba - UFPB*  
*Costadanyel0@outlook.com*

*Carla Pereira dos Santos*  
*Universidade Federal da Paraíba - UFPB*  
*musiviver@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho apresenta o relato de uma experiência pedagógica com ensino de violão coletivo em um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba, na qual foi utilizada a técnica de violão percussivo na aprendizagem inicial do violão. Para a realização da proposta foram elaborados arranjos de músicas populares que faziam parte da vivência dos alunos com a finalidade de buscar novas alternativas metodológicas para o ensino de violão e experimentar diferentes perspectivas de performance, com foco na utilização da percussão como um novo recurso metodológico e interpretativo.

**Palavras-chave:** violão percussivo, ensino coletivo de violão, técnicas estendidas.

## **Introdução**

Este relato tem como objetivo apresentar uma experiência pedagógica desenvolvida a partir da perspectiva do violão percussivo, realizada em um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba – (UFPB) que tem como foco o ensino de violão coletivo.

O trabalho teve como base uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a perspectiva do ensino de violão percussivo, que é uma técnica que, nos últimos anos, vem se destacando entre as diferentes formas de execução do violão que tem sido amplamente divulgada através das redes sociais. Assim, a partir de uma atuação docente em um ambiente utilizado como laboratório de prática de ensino, mais especificamente, nas oficinas de ensino coletivo de violão da UFPB, decidimos utilizar a técnica de violão percussivo, como uma, entre as várias estratégias de ensino inicial do violão.

As oficinas de violão coletivo fazem parte do projeto da Orquestra de Violões da Paraíba desenvolvido pelo Departamento de Educação Musical (DEM) da Universidade Federal da Paraíba, e têm como objetivo servir de laboratório de prática pedagógica e prática de orquestra para alunos dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música da UFPB. Especificamente nas oficinas, são oferecidas aulas gratuitas de iniciação ao violão para a população, com turmas para crianças e adultos, distribuídas em dois módulos (iniciante e básico). As aulas são ministradas por alunos bolsistas e voluntários, sob a orientação e supervisão da coordenadora geral do projeto. Entre um dos principais objetivos de formação do projeto está o contínuo incentivo para o desenvolvimento de atividades e estratégias pedagógicas, bem como a reflexão e busca de inovações metodológicas para o ensino de violão. As oficinas tornam-se, assim, um importante laboratório de prática pedagógica para o desenvolvimento, estímulo e formação do professor de instrumento. Conforme Santos (2016):

Como laboratório, o projeto é um espaço para o estudo, pesquisa e produção de material didático, ao considerar que a atuação docente dos alunos é decorrente de um amplo estudo da literatura e das bases que alicerçam o ensino coletivo. Através de reuniões pedagógicas e dos planejamentos semanais, o aluno é estimulado a refletir sobre a perspectiva de ensino coletivo, a pensar sobre sua prática e as possíveis inovações no campo pedagógico, que inclui elaborar seu próprio material didático e criar atividades (SANTOS, 2016, p. 08).

Nessa direção, as oficinas surgiram a partir de uma perspectiva integradora de ensino superior, que está evidenciada no Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Música da UFPB, ao destacar que um dos objetivos do curso é “desenvolver a capacidade reflexiva na área de Educação Musical com base em projetos que inter-relacione ensino, pesquisa e extensão” (UFPB, 2009, p. 12). Portanto, a formação do professor, nesse contexto, tem sido pensada com base na construção de novos valores, contemplando a pluralidade de realidades e espaços, e a compreensão do caráter multidimensional da música e seu ensino na atualidade.

É importante destacar que o estímulo ao olhar crítico e especulativo da própria prática pedagógica leva à construção de novos saberes, novos modos de pensar e agir em sala de aula, porque possibilita compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem a

partir de sua própria ação e não a partir de prescrições ou modelos de ensino previamente instituídos. Portanto, é a partir de uma perspectiva de formação que prevê uma relação encadeada entre prática, teoria e prática, em que o professor é pesquisador e problematizador de sua própria atuação docente, como apontado nos trabalhos de Pimenta e Anastasiou (2002) e Pimenta e Lima (2012), que está alicerçada a atuação no projeto.

Assim, a partir de uma das experiências nesse projeto, apresentaremos a proposta pedagógica desenvolvida por um bolsista-monitor que atua nas oficinas de violão coletivo. Nessa proposta, serão evidenciadas as estratégias metodológicas adotadas, bem as contribuições do projeto no processo de autonomia docente do estudante, que pôde experimentar e pôr em ação novas possibilidades metodológicas para o ensino de violão, além de ampliar as reflexões sobre sua própria prática como professor.

Mais especificamente, este relato estará centrado em uma proposta desenvolvida com o violão percussivo como base para a iniciação ao violão.

### **Experiência docente: a aproximação do monitor com o violão percussivo**

Foi no decorrer dos anos como estudante de música que uma prática específica de performance no violão começou a chamar muito a atenção. Deparei-me com instrumentistas que, ao mesmo tempo em que tocavam, faziam um acompanhamento de percussão utilizando o corpo do violão ou de materiais anexados a ele. Essas performances, geralmente, eram realizadas a partir de músicas populares. Assim, após observar essas práticas, passei a tentar entender melhor que técnica era essa e, a partir de minhas buscas, deparei-me com os termos *fingerstyle* e *violão percussivo*. A partir disso, passei a procurar materiais escritos sobre a técnica, formas de executar e até mesmo trabalhos científicos que abordassem o tema. Poucos foram os trabalhos encontrados, mas, em contrapartida, foram encontrados muitos vídeos de pessoas que criaram exercícios específicos com a finalidade de explicar as técnicas necessárias para a execução de peças simples ou mais avançadas que utilizassem a técnica do violão percussivo.

Como a prática do violão percussivo está direcionada a uma técnica musical contemporânea que utiliza o instrumento de forma diferenciada, buscamos aprofundar os estudos sobre essa abordagem, e na literatura encontramos sua base fundamentada no âmbito das *técnicas estendidas*.

## Técnicas estendidas e o violão percussivo

Com a chegada do século XX, a música se renovou, sobretudo com o surgimento do Movimento Futurista, da música dodecafônica e eletroacústica, entre outros movimentos significativos da época. Com isso, surgiu um leque de materiais sonoros diversos a partir do uso de ruídos, bem como da exploração da sonoridade dos instrumentos de diferentes formas. Esse momento, então, marcou a chamada Música Contemporânea, que também acabou desencadeando numa pluralidade da escrita musical (MORAIS; STASI, 2010; PENNA, 2015; PADOVANI; FERRAZ, 2011).

Com a exploração desses recursos instrumentais de diferentes formas surgiu, então, o termo *técnicas estendidas*, que segundo Padovani e Ferraz (2011):

Tradicionalmente associada às técnicas de performance instrumental, a expressão *técnicas estendidas* se tornou comum no meio musical a partir da segunda metade do século XX, referindo-se aos modos de tocar um instrumento ou utilizar a voz que fogem dos padrões estabelecidos principalmente no período clássico-romântico. Em um contexto mais amplo, porém, percebe-se que em várias épocas a experimentação de novas técnicas instrumentais e vocais e a busca por novos recursos expressivos resultaram em *técnicas estendidas*. Nesta acepção, pode-se dizer que o termo *técnica estendida* equivale a *técnica não-usual*: maneira de tocar ou cantar que explora possibilidades instrumentais, gestuais, sonoras pouco utilizadas em determinado contexto histórico, estético e cultural (PADOVANI; FERRAZ, 2011, p. 11).

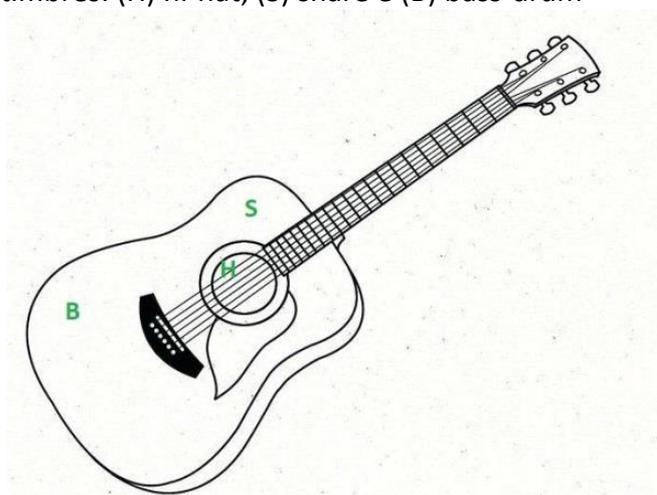
Desde as últimas décadas, surgiram muitos repertórios que passaram a utilizar técnicas estendidas, agregando-se aos novos padrões de organização musical, que não deixam de ser desafiadores, tanto no que concerne aos aspectos técnicos, quanto aos de interpretação de sua escrita, tendo em vista que a interpretação acaba se tornando muito pessoal, principalmente devido ao efeito desejado pelo compositor. Em seu artigo, Daldegan e Dottori (2011) falam sobre o recente debate em torno do ensino de técnicas estendidas no estágio inicial de aprendizagem do instrumento com crianças, mais especificamente a flauta, e como isso contribui para o desenvolvimento criativo e para a apreciação dos novos meios de organização musical e técnicos, e em como essa abordagem atual acaba fazendo mais sentido para os alunos por retratar músicas de sua época (DALDEGAN; DOTTORI, 2011).

Nessa direção, o violão percussivo é uma das várias técnicas estendidas existentes, e que, basicamente, consiste em pensar o violão, também, como um instrumento de percussão que, em sua maioria, se assimila a uma *Drum kit*<sup>1</sup>. Na técnica do violão percussivo, os sons podem ser extraídos de todas as partes do violão, caixa, braço e cordas.

A partir das buscas para compreender essa técnica, foi possível chegar a duas principais conclusões: a primeira foi que o violão percussivo é o resultado de técnicas de percussão agregadas às técnicas violonísticas convencionais. A segunda conclusão, e talvez a mais importante para esse relato, é que entre as diversas formas de tocar e executar os sons percussivos existem três principais tipos de sons que estão presentes em todas as performances observadas e, conseqüentemente, parecem ser de vital importância para a execução da técnica.

Os sons equiparados aos de uma bateria são: *hi-hat*<sup>2</sup>, *Bass-drum*<sup>3</sup> e o *Snare drum*<sup>4</sup>. Esses sons são, na maioria das vezes, tocados pelos intérpretes nas seguintes regiões do violão, como destacado na Figura 1:

**FIGURA 1** – Instrumento com as regiões onde usualmente são trabalhados os timbres: (H) hi-hat, (S) snare e (B) bass-drum



Fonte: Elaboração do(s) autor(es)

As técnicas para produzir os sons percussivos em cada uma das regiões também são diferentes: na região **B** usa-se o pulso para atacar, na região **S**, geralmente, usa-se um ou

<sup>1</sup>O uso do termo *Drum kit* é com base nos materiais e vídeos que abordam a técnica que consideram o violão como um kit de bateria.

<sup>2</sup> Hi-hat: Chimbau de bateria

<sup>3</sup> Bass-Drum: Bumbo de bateria

<sup>4</sup> Snare Drum: Caixa de bateria

mais dedos, indicador, médio ou polegar, para atacar e na região **H** é utilizado o polegar na sexta corda. Apesar dessa aparente convenção sobre as regiões e técnicas utilizadas, muitos intérpretes utilizam outros meios ou diferentes formas de extrair o timbre do instrumento. Por exemplo, o som aqui apresentado como *hi-hat*, para alguns intérpretes é entendido como *snare*, porém, para este trabalho foi utilizada a categorização de acordo como apresentado anteriormente.

Outro fator também determinante para o violão percussivo é a postura do instrumento em relação ao movimento corporal, que não foge muito da postura dos perfis erudito e popular, no qual para esta técnica o violão deve estar bem apoiado ao corpo possibilitando assim que ambos os braços possam se soltar do instrumento sem prejudicar sua estabilidade.

Na minha aplicação em sala de aula, tal movimento corporal se incorpora na performance, não só com fins técnicos mas, também, com fins cognitivos, como fala Storolli (2001): “Trabalhar a partir do movimento e desenvolver a percepção corporal parecem ser princípios metodológicos adequados, quando se sabe que o nosso sistema sensório-motor é o responsável pelos processos cognitivos[...]” (STOROLLI, 2011, p. 138).

De toda forma, não é por pensarmos em sistema sensório-motor que as atividades se darão em exercícios repetitivos sem associação a algum repertório. O que ocorre no trabalho desenvolvido nas oficinas com o uso do violão percussivo, vai em direção oposta disso, sobretudo porque o trabalho com o violão percussivo trabalha em favor da performance, indo assim em direção ao que é posto por Tourinho (2011), que considera salutar que as técnicas de violão sejam desenvolvidas dentro da performance, fazendo assim com que as atividades tenham sentido e que o aprendizado se seja prazeroso (TOURINHO, 2011, p. 156).

Inicialmente, a ideia de trabalhar a técnica do violão percussivo surgiu da necessidade de trabalhar percepção rítmica com os alunos de uma maneira alternativa como, por exemplo, substituindo pausas por percussão no violão, tendo em vista que alguns alunos não gostavam de trabalhar ritmos corporais ou atividades dissociadas do instrumento. Vendo dessa forma, é possível afirmar que executar a técnica do violão percussivo acaba acarretando numa proposta de trabalho alternativa de percepção rítmica e

de movimentação corporal por trabalhar os gestos e movimentos necessários para a execução da percussão no violão.

A ideia principal dessa proposta, é que além de contribuir na performance, tanto estética quanto auditivamente ao usar a percussão como atrativo, tenhamos também outros caminhos e possibilidades para o ensino, enfatizando a compreensão rítmica, a percepção e a expressão, alguns dos elementos fundamentais para a prática instrumental.

### **O violão percussivo nas oficinas de violão coletivo**

Tomando como ponto de partida a utilização das três técnicas bases para a execução do violão percussivo nas oficinas de violão coletivo, o desafio se deu em produzir arranjos que contemplassem as técnicas, sejam individualmente ou conjuntas, utilizando músicas populares, de preferência que dialogassem com a realidade que os alunos das oficinas estavam inseridos.

O trabalho foi realizado com sete turmas: duas infantis (iniciante), e cinco turmas destinadas a adultos, entre elas, duas turmas em nível básico e três turmas para iniciantes. Na seleção do repertório foi levado em consideração a faixa etária da turma e suas vivências musicais. As conversas com os alunos ou a sugestões dadas por eles no decorrer das aulas sobre o que gostariam de tocar, auxiliou significativamente na seleção do repertório.

Contemplar a diversidade musical é uma das diretrizes propostas pelas oficinas de violão coletivo, assim como o incentivo à criação e a busca por metodologias que transcendam os limites convencionais de ensino de violão. Essa diversidade também abarca entender que cada indivíduo tem sua história, conhecimentos e vivências que podem e devem também ser levados em consideração no ambiente educacional, e cabe ao educador diagnosticar e entender as várias necessidades que existem no ambiente escolar para, assim, pensar em como trabalhar de forma que atenda às necessidades de cada aluno (QUEIROZ, 2013).

Nessa direção, a ideia das atividades desenvolvidas para as oficinas se dá na criação de arranjos com músicas atuais que sirvam para trabalhar questões técnicas sem se tornar algo cansativo para os alunos (COSTA; PINHEIRO JUNIOR, 2017, p. 6-11). Então, pensando nesse contexto, os arranjos foram baseados em músicas interpretadas por bandas nacionais ou músicas que fizeram sucesso, ou que se fazem presente na mídia na atualidade.

Os arranjos foram elaborados a partir do nível dos alunos, por isso, nem sempre seguem a harmonia original das músicas. Há sempre a necessidade de adaptações, tendo em vista o nível e desenvolvimento da turma, buscando, assim, adequar-se ao processo metodológico de ensino estimulado no projeto. Por exemplo: o aluno aprende uma música com um acorde, em seguida aprende outra música que contém o acorde já aprendido mais um novo acorde, e assim sucessivamente. Para que isso ocorra, é necessário mudar as tonalidades ou facilitar acordes, de modo que favoreça a conexão entre as músicas e que o aluno consiga tocar.

Trazendo esse procedimento para a proposta do violão percussivo, os ritmos arranjados para a técnica também tendem a se afastar um pouco mais do ritmo executado na música original, mas sem deixar de obedecer a métrica. A seguir temos o exemplo de um dos arranjos com a música *Acima do Sol*, da banda Skank (figura 2):

**FIGURA 2** – Exemplo de atividade desenvolvida a partir de uma música popular que explora a utilização do *snare* trabalhando ritmo e harmonias

The figure shows a musical score for guitar and percussion. The guitar part is in 4/4 time, featuring chords Am, C, and G. The percussion part shows a snare drum pattern with a '1 2 E 1 2' rhythm. The guitar part includes chord diagrams for Am, C, and G.

(a): *Snare*  
E: uso da vogal para indicar a pausa

Fonte: Elaboração do(s) autor(es)

Nesse arranjo foi utilizada a técnica do *snare*, sempre pensando no número dois da contagem. Inicialmente, antes de pensar na música por completo, foram trabalhadas as seguintes etapas e procedimentos: (i) a troca de acordes sem pensar em ritmos de mão direita, (ii) o ritmo proposto sem pensar em troca de acordes e, por fim, (iii) experimentação,

com a opinião dos alunos sobre qual forma (um dedo, dois dedos, todos os dedos) e região do instrumento deveríamos atacar para conseguir o som desejado para a performance. Ao finalizar esse processo percussivo, foram também apresentados ritmos violonísticos mais usuais que eram somados ao ritmo percussivo desenvolvido, no qual o ritmo percussivo tomava uma característica de variação com a finalidade de trazer um novo atrativo à performance.

Esse mesmo procedimento foi utilizado para a elaboração de todos os arranjos e para o trabalho com todas as turmas. No decorrer do processo pedagógico, tomamos consciência que, a partir desses procedimentos e da proposta utilizada, estavam inseridos elementos percussivos que auxiliavam a explicação sobre pulsação e questões rítmicas inerentes à prática violonística. Após essa percepção, o trabalho passou a ser mais sistemático e mais atencioso quanto às questões rítmicas e às estratégias desenvolvidas sobre pulsação.

Outro exemplo de atividade, desenvolvida no decorrer das oficinas, foi com a música *Asa Branca* – Humberto Teixeira, com arranjo elaborado por um de nossos colaboradores. A música já sugeria alguns elementos percussivos, e o arranjo elaborado buscou destacar esses elementos através de variações de timbres percussivos no corpo do instrumento.

**FIGURA 3** – Exemplo de atividade que trabalha as técnicas de *bass-drum*, *hi-hat* e *snare* em conjunto com harmonias, ritmo e melodia improvisada

The figure shows a musical score for guitar and percussion. The guitar part is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 4/4 time signature. It consists of a sequence of chords: A, D, E, and A. The percussion part is written in a standard percussion clef with a 4/4 time signature. It includes patterns for hi-hat (a), snare on the lower part of the drum (a'), snare on the upper part of the drum (a''), and bass-drum (b).

- (a): *hi-hat*
- (a'): *snare* na parte inferior do tampo
- (a''): *snare* na parte superior do tampo
- (b): *bass-drum* utilizado apenas no trecho que é trabalhado acompanhamento percussivo com improvisação.

Fonte: Elaboração do(s) autor(es)

Nessa música foram utilizadas as três técnicas percussivas destacadas (*hi-hat*, *Bass-drum* e o *Snare drum*). Na primeira parte, utilizamos a técnica do *hi-hat* batendo sobre as cordas após dois arpejos, que foram executados em toda a música no trecho cantado. Porém, com a finalidade de aprofundar a atividade, pensou-se na proposta de trabalhar os ataques percussivos de acordo com os acordes que estavam sendo tocados. A ideia foi utilizar como referência o posicionamento desses acordes, ou seja, no acorde de Lá maior, por estar em uma posição central pois pressionam-se as cordas 2, 3 e 4, o ataque percussivo seria nas cordas pensando como o *hi-hat*, o acorde de Ré maior, por ser deslocado para uma posição inferior pressionando as cordas 1, 2 e 3, seria executado um *snare* no tampo abaixo das cordas e o acorde de Mi maior, por ter um posicionamento superior pressionando as cordas 3, 4 e 5, executaríamos um *snare* no tampo acima das cordas, ou seja, no acorde com posição central, utilizar o timbre percussivo numa região central, no acorde com posição inferior, utilizar um timbre percussivo em uma região inferior e no acorde com uma posição superior, utilizar um timbre percussivo em uma região superior.

Ao concluir o refrão da música *Asa Branca* e os devidos movimentos de violão percussivo propostos e descritos acima, seguiu-se para a segunda parte da música. Assim, a partir de uma base com o mesmo ritmo da música já trabalhada, os arpejos utilizados anteriormente, na primeira parte da música, foram substituídos pela técnica do *Bass-drum*, seguido de um *snare*. Nesse procedimento, todos os alunos foram solicitados a sustentarem essa base apenas percussiva enquanto desenvolvemos um trabalho de improvisação em cima dele. Assim, utilizando apenas duas notas, a quinta corda do violão solta e presa na segunda casa, referente às notas Lá e Si, cada aluno foi incentivado a improvisar um solo e quando todos os alunos fizeram suas improvisações, retomamos para a primeira parte da música concluindo-a.

Estas músicas são exemplos da proposta de violão percussivo trabalhado nas turmas das oficinas de violão coletivo – iniciante e básico. O único fator que passou a variar de acordo com cada turma e seu respectivo avanço foi o repertório escolhido, que era selecionado e elaborado de acordo com os interesses e vivências de cada turma. As turmas infantis também são bons exemplos. Nelas, as atividades partiram do uso de músicas infantis, como por exemplo, a música *Marcha Soldado – Compositor desconhecido*, no qual o elemento percussivo introduzido inicialmente foi pensado de modo colaborativo pelas

próprias crianças. Seguindo as mesmas ideias anteriores, a finalidade era de reproduzir o som de um soldado marchando ao utilizar o timbre do *snare*. Assim, após as crianças fazerem as devidas experimentações, batendo no corpo do violão, decidiram o melhor local para conseguir o timbre com o efeito desejado.

Todos os alunos das turmas descritas (adultos e crianças) foram introduzidos à técnica do violão percussivo sem saberem do que se tratava e, simplesmente, foram executando e experimentando as ideias. Ao ser revelado como o trabalho se desenvolveria, todos apresentaram certa preocupação, alegando que seria difícil manter a concentração em mudar os acordes e sustentar os elementos percussivos ao mesmo tempo. Ainda assim, todos conseguiram executar as atividades propostas em sala de aula e, ao retirar a técnica do violão percussivo e iniciarmos ritmos violonísticos mais usuais, todos mostraram uma melhora na execução rítmica.

Outro procedimento também utilizado no decorrer das aulas, foi a proposta de iniciar músicas com ritmos usuais, mudar para a abordagem percussiva e em seguida retornar para os mesmos ritmos usuais. Esse exercício de enxergar a música sobre contextos e perspectivas diferentes apresentou também uma melhoria na percepção rítmica dos estudantes.

Em absolutamente todas as performances desenvolvidas em sala de aula foi utilizado algum elemento da técnica de violão percussivo, mesmo que em um pequeno trecho, ou uma parte específica de uma música. Muitas vezes, o elemento percussivo era inserido com base em sugestão dos alunos de modo colaborativo, pensando em como poderíamos, de forma criativa, dar um novo atrativo à performance violonística.

## Conclusão

Apesar de se tratar de uma abordagem baseada em uma técnica ainda em desenvolvimento, o principal objetivo ao desenvolver essa proposta com os alunos das oficinas de violão coletivo, foi propiciar uma aprendizagem que possibilitasse trazer todos os elementos técnicos e musicais necessários para a prática do instrumento, mas que também fosse atrativo para os alunos. A busca foi realizar um ensino com foco no próprio aluno, incentivando-o e estimulando a aprendizagem a partir de diferentes recursos metodológicos, que se moldavam a cada aula para atender às demandas e necessidades dos

alunos. De modo colaborativo, estratégias foram sendo adotadas ou rejeitadas de acordo com a análise e sugestão dos próprios alunos.

Com essa experiência, o que se descobriu foi a possibilidade de transcender metodologias e modos de ensinar instrumento. Embora tenhamos trabalhado com o violão percussivo, não chegamos a desenvolver nenhum tipo de escrita que pudesse orientar os alunos na execução dessa técnica, por exemplo: em que momento da música deveria bater no instrumento ou em qual local, qual o timbre desejado. Todo o desenvolvimento metodológico da proposta se deu oralmente ou se baseando nas pulsações originais das músicas. Também foram trabalhadas apenas técnicas bases, e o violão percussivo, como uma prática contemporânea, ainda tem muitos desdobramentos técnicos a serem investigados e desenvolvidos para trabalhos futuros.

Enfim, a ideia é que este trabalho sirva como porta de entrada para investigações sobre essas abordagens, não apenas limitadas para o violão, mas para todos os instrumentos e para as demais técnicas emergentes. Esperamos, acima de tudo, incentivar novas propostas de ensino de instrumento, propostas que dialoguem com a atualidade, que transcendam a reprodução de modelos, configurando-se como uma prática de ensino ativa e contextualizada. Esperamos, também, inspirar professores de instrumento a criarem e experimentarem suas propostas de ensino, lembrando que, muitas vezes, as barreiras e abismos que existem entre o conhecimento e os alunos são impostos pelos próprios educadores.

## Referências

COSTA, Danyel; PINHEIRO JUNIOR; Cledinaldo Alves. O ensino coletivo de violão: um relato de experiência sobre vivências, estratégias e propostas de ensino em uma turma com crianças. In: Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME, XI. 2017 Natal, RN. *Anais...Natal*: ABEM, 2017. p. 01-12.

DALDEGAN, Valentina; DOTTORI, Mauricio. Técnicas Estendidas e Música Contemporânea no Ensino de Instrumento para Crianças Iniciantes. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 113-127, 2011.

MORAIS, Ronan Gil de; STASI, Carlos. Múltiplas faces: surgimento, contextualização histórica e características da percussão múltipla. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 61-79, dez. 2010.

PADOVANI, José Henrique; FERRAZ, Silvio. Proto-história, evolução e conceituação atual das técnicas estendidas na criação musical e na performance. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 11-35, 2011.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. *Docência no ensino Superior*. São Paulo: Cortez, v.1, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência: diferentes concepções*. 7 ed, São Paulo: Cortez, 2012.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Escola, Cultura, diversidade e educação musical: diálogos da contemporaneidade. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, MS. v. 19, p. 95–124, 2013.

SANTOS, Carla Pereira. Orquestra de Violões e oficinas de violão coletivo: uma proposta para a formação de professores de música. In: Encontro Regional Nordeste da ABEM, 13, 2016, Teresina. *Anais... Teresina*: ABEM, 2016. p. 01-13.

STOROLLI, Wania Mara Agostini. O corpo em ação a experiência incorporada na prática musical. *Revista ABEM*, Londrina, v. 19, n. 25, p. 131-140, 2011.

TOURINHO, Ana Cristina Gama dos Santos. Desafios atuais para o ensino coletivo de violão: um relato pessoal. In. TOURINHO, Ana Cristina Gama dos Santos ;ZORZAL, Ricieri Carlini. *Aspectos práticos e teóricos para o ensino e aprendizagem da performance*. 1ed. São Luis: EDUFMA, 2014, v. 1, p. 144-169.

UFPB. *Projeto Pedagógico* (Curso de licenciatura em música). João Pessoa: Departamento de Educação Musical, 2009.